

# A NOÇÃO DE LÍNGUA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset\*

## Resumo

Este estudo possui como escopo responder à questão: Qual é a concepção de língua para a Análise do Discurso (AD) de corrente francesa pechetiana? Propõe-se apresentar, aqui, por meio de pesquisa bibliográfica, um outro olhar para a noção de língua que se traduz em arcabouço teórico, à medida que se está refletindo a aceção de língua na perspectiva discursiva. A AD é um campo de saber específico, contudo, dialoga com a Linguística. Somente se adere à cientificidade pelo conhecimento, nesse sentido, transitar-se-á pelas concepções de língua e como elas se relacionam: língua imaginária, língua fluida, língua materna, língua estrangeira e língua nacional. Percebe-se, ao longo deste estudo, que as diferentes concepções de língua se inter-relacionam, estão imbricadas, coexistem dispostas - sobrepostas - umas às outras.

Palavras-chave: Concepções de língua. Análise do Discurso. Ensino de língua.

## 1 INTRODUÇÃO

Referendando a fala do mestre Paulo Freire “[...] preciso falar da área onde estão meus pés” e se o fazer teórico é um fazer historicamente situado, propõe-se, então, a partir da práxis da docência de 12 anos em ensino superior em que se trabalha o Português Instrumental com ênfase em Linguística Textual, apresentar aqui um deslocamento teórico, um outro olhar que se traduz em arcabouço teórico, à medida que se está refletindo a noção de língua na perspectiva discursiva. Assim, este estudo objetiva responder à questão: Qual é a concepção de língua para a AD de corrente francesa pechetiana?

A AD é um campo de saber específico, contudo, dialoga com a Linguística, pois, para o seu fundador, o francês Pêcheux (2009, p. 18-19), faz-se mister tocar o triplo real da língua, da história, do inconsciente [...] que se habitem e se habituem uns com os outros.” Nesse cenário, considerando indispensável que uma base teórica supere o empirismo na delimitação dos fatos e na sua análise e que apenas se adere à cientificidade pelo conhecimento, transitar-se-á, neste estudo, pelas concepções de língua e como elas se relacionam: língua imaginária, língua fluida, língua materna, língua estrangeira e língua nacional.

---

\* Mestranda em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Práticas Discursivas e Subjetividades, pela Universidade Federal da Fronteira Sul; docente de Língua Portuguesa da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; Rua José Bonifácio, 466, Centro, Xanxerê, SC, 89820-000; professora.rossaly@gmail.com

## 2 A NOÇÃO DE LÍNGUA

O Dicionário Houaiss da língua portuguesa (Houaiss, 2009, p. 1182-1183) apresenta a etimologia da palavra língua, proveniente do latim - *lingüa*, ae -, o registro diacrônico - 1152 foi o ano do primeiro registro conhecido ou estimado em que este vocábulo foi utilizado - e traz mais de uma centena de acepções para o vocábulo língua, entre as quais, destacam-se:

s.f. (1152) [...] 5 sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e expressão, falado ou escrito 5.1 idioma nacional 6 para o linguista Ferdinand de Saussure (1857-1913), o sistema abstrato de signos inter-relacionados, de natureza social e psíquica, obrigatório para todos os membros de uma comunidade linguística. ETIM latina *lingüa*,ae 'língua (órgão animal), linguagem, idioma de um povo'.

Estranhamento causa o fato de que aquele que é o guardião da compilação completa das unidades léxicas de um idioma, responsável por fonecer definições e informações acerca dos vocábulos não preencha um hiato na acepção da noção de língua: O que é língua para a AD? Concorda-se que esse é um campo de saber epistemológico recente - década de 1960 do século XX -, assim, provalvemente a contemplará em edições vindouras, afinal, a *língua é viva e está na boca do povo*, afirmação anônima que enuncia a evolução irrevogável do idioma bem como evidencia que seus usuários são aqueles que propiciam alterações contumazes, tantas, até chegar o momento inevitável em que o dicionário as abarca e as incorpora em seu léxico. Nesse ínterim da mudança, ressalte-se o corte epistemológico, a ruptura efetuada por Saussure (2012, p. 39), o pai da linguística, que ensinou que é “[...] o ponto de vista que cria o objeto” e a teoria dos signos mostra que a linguagem é uma forma de interpretar o mundo. O mestre genebrino separou o conjunto linguagem em *língua* - parte social - e *fala* - ato individual. Embora língua e fala sejam universos distintos, são inter-relacionados, em uma relação quase de interdependência. A distinção linguagem/língua/fala situa o objeto da Linguística para Saussure, que focalizou em seu trabalho a linguística da língua, considerada em si mesma e por si mesma, único e verdadeiro objeto da Linguística. Embora o conceito saussuriano de língua exclua a fala e, conseqüentemente, o sujeito da sua constituição, para Pêcheux, foi genial a percepção de Saussure (2012, p. 41) de que a língua não é homogênea, nem transparente, nem estável, para o linguista suíço a “[...] linguagem é heteróclita e multifacetada.”

Se Saussure separou língua e fala, separou ao mesmo tempo o que é social e o que é histórico. No discurso, têm-se o social e o histórico indissociáveis. Eis a razão que conduz à concepção de que a língua é entrelaçada à exterioridade e concebida como uma materialidade que constrói, produz sentidos na relação do sujeito com o ideológico e o histórico. É a materialidade linguística que conduz o analista às fronteiras da língua, a

relação linguagem e exterioridade é um sistema em constante movimento. As línguas são heterogêneas, não são sistemas perfeitos, prontos, acabados.

Pergunta Saussure (2002, p. 39-41): “Mas o que é a língua? [...] ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela. [...] É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” Importante salientar que a teoria de análise linguística herdeira das ideias de Saussure foi denominada estruturalismo. Para diferenciar o conceito de língua na perspectiva linguística e discursiva, Leandro Ferreira (1999, p. 124-125) assevera:

Na visão do lingüista, a língua - enquanto sistema só conhece sua ordem própria, o que vai impedir-lhe de considerar os deslizamentos, lapsos, mal-entendidos como parte integrante da atividade de linguagem. Já o discursivista, como se sabe, acatando a lição de Pêcheux, incorpora tais desvios “problemáticos”, como fatos estruturais incontornáveis e próprios à língua.

Nesse viés do enredo teórico, convém abordar, sucintamente, o termo Linguística. Ao observar a língua em uso, o linguista procura descrever e explicar os fatos: os padrões sonoros, gramaticais e lexicais que estão sendo usados, sem avaliar aquele uso em termos de um padrão: moral, estético ou crítico. Julgamentos não são efetuados pelo linguista, cuja função é estudar a expressão linguística como um fato merecedor de descrição e explicação dentro de um quadro científico adequado. A Linguística, como qualquer ciência, descreve seu objeto como ele é, não especula nem faz afirmações sobre como a língua deveria ser: examina a língua de forma independente, livre de preconceitos sociais ou culturais.

Faz-se mister ratificar que, sim, há um padrão culto de língua, o qual possui o referendo, o prestígio e a autoridade da Academia Brasileira de Letras, cujo léxico está abarcado no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), a espinha dorsal do idioma pátrio no território nacional, que possibilita o entendimento de todos os usuários brasileiros, do Oiapoque ao Chuí. Contudo, o complexo fenômeno linguagem não compreende apenas as propriedades formais do sistema linguístico nem as exclui, mas se abre para outras abordagens que considerem o contexto, a sociedade e a história.

Nas leituras dos textos do mestre Pêcheux, textos recheados de questões que se abrem para a possibilidade de outras perspectivas, depara-se com a vontade de verdade, vontade de saber. Foucault (2012, p. 15) faz reflexões acerca desta vontade: [...] “deslocar: as grandes mutações científicas podem talvez ser lidas, às vezes, como consequência de uma descoberta, mas podem também ser lidas como a aparição de novas formas na vontade da verdade.” Vontade da verdade nas atividades languageiras: é pelo cruzamento de vozes que concordam ou polemizam entre si que se constroem novas verdades. O cientista tem de se habituar a acolher exceções e novas formulações, visto que a longo prazo elas se constituirão em novas regras, novas verdades. Assim como as línguas, as teorias também mudam com o passar do tempo.

Para responder à pergunta-bússola do estudo proposto - Qual é a noção de língua para a AD? -, faz-se necessário passear por distintos conceitos de língua e como essas acepções de língua se relacionam entre si: língua imaginária, língua fluida, língua materna, língua estrangeira e língua nacional. Antes de adentrar no estudo pormenorizado das concepções de língua, evidencia-se que a língua da linguística aplicada é justamente o avesso da concepção de língua da AD. A língua da AD é a materialidade específica do discurso, é “[...] aquela da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência.” (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 17).

Por conseguinte, a língua é passível de rupturas, de falhas e de brechas pela qual sentidos outros transbordam. “Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.” (PÊCHEUX, 2012, p. 53). A partir dessa perspectiva, será abordada a relação entre as diversas acepções de língua, deslocando e deslizando da concepção sistêmica de língua fechada em si mesma, pois em lugares homogêneos sempre despontam algumas singularidades, consoante Milner (2012, p. 20):

Mas a língua só se concebe claramente na isotopia absoluta: de qualquer ponto que se a considere, ela deveria oferecer uma mesma fisionomia [...] Uma língua, como objeto possível de uma proposição capaz de ser válida para todos, [...] sempre idêntica em si mesma, sempre inscritível na esfera da univocidade e sempre isotópica. Numa só palavra, ela deve ser *Uma*. Ora, é evidente que essas condições irreduzíveis só são satisfeitas caso se descartem determinadas proposições.

Corroborando esse prisma, Stübe Netto (2008, p. 72) destaca a necessidade de contato da língua com sua exterioridade, com outras áreas, o que não acarretará perda de sua especificidade pois “[...] apenas o reconhecimento da língua como heterogênea, em que se articulam e imbricam os aspectos estruturais (formais) atravessados por questões subjetivas e sociais, permite um deslocamento nas reflexões linguísticas.”

Não há como tecer aspectos que contribuam para a construção da noção de língua sem mencionar o livro *A língua inatingível* de Pêcheux, publicado na França em 1981. Neste livro há um capítulo intitulado “Os homens loucos por sua língua” em que Pêcheux aborda a logofilia - o amor da língua nos move falar da língua - a paixão que alguns homens têm pelas palavras, “[...] loucura das palavras que pode desembocar na escrita, na poesia, na teoria linguística.” Pêcheux aponta ainda nesse texto que alguns homens “[...] possuídos pela loucura das palavras” são conduzidos “[...] deixando errar seu fluxo no corpo pleno da linguagem” enquanto outros homens também “[...] possuídos pela loucura das palavras decidem construir seu império de ciência e de texto.” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 45-46).

## 2.1 LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA NACIONAL

Para Stübe Netto (2008, p. 74) “[...] a língua materna assume estatuto particular: a de estruturar a constituição psíquica do enunciador, permitindo-lhe a inscrição no simbólico. E é a língua a partir da qual o enunciador organiza a sua relação com o Outro e com as outras línguas.” Nessa perspectiva, também destaca Pfeiffer (2005, p. 33) “[...] não se adquire uma língua, inscreve-se nela no instante mesmo em que a língua é tomada pelo sujeito.” Assim, o sujeito já tem, desde sempre, sua língua materna, ele não a adquire, pois é sujeito de linguagem. Língua materna, conforme Ghiraldelo (2002, p. 64 apud STÜBE NETTO, 2008):

[...] é aquela que não se aprende, mas se é banhado nela; aquela que afeta o corpo, habita o indivíduo e faz dele um ser falante, de tal forma que ele desliza, tropeça e hesita nas palavras, ocorrendo os esquecimentos, os lapsos, os atos falhos, os trocadilhos. É a língua do aconchego, aquela na qual o falante pode contar (em que ele pode se dizer alguém), à qual ele sempre pode voltar para se abrigar, para acalantar-se.

A heterogeneidade e a incompletude são constitutivas da língua, todavia, ainda mais incompleto ficaria este estudo caso não se abordasse a noção de *alíngua*; para Pêcheux (2004, p. 52), “[...] há pelo menos um lugar do qual se fale do que não se pode falar: esse lugar é alíngua.” Salienta ainda o mestre francês que “[...] o Édipo linguístico corresponde ao fato de que toda a alíngua não pode ser dita, em qualquer língua que seja.” Coracini (2011, p. 145) defende a hipótese de que *alíngua* é a língua materna:

[...] que também é estrangeira, estranha, que é minha e é do outro, que é gozo e sofrimento - aquela que, incompleta - e, por isso, em costante (trans)formação - híbrida, mestiça, resultante de cruzamentos de e com as línguas que fazem teia, tela, tecido, nos torna sujeitos, nos subjuga, nos faz seres de comunicação; afinal, é ela que faz acontecer a im-possível relação entre dois seres, necessariamente distintos, cuja diferença não pode nunca ser apagada nem tamponada.

Uma questão intrigante é acerca do papel desempenhado pela escola na língua materna. A escola não serviria para a aquisição desta língua, mas para a construção de um saber sobre a língua que retornará para o saber à língua de cada um. Sujeito e língua se fazem juntos. Para sustentar esse argumento, Pfeiffer (2005, p. 34) afirma que: “[...] no ensino da língua materna (com seus instrumentos, como a gramática, a literatura e mais atualmente a mídia em geral) vemos o trabalho do Estado de homogeneizar sentidos, produzindo o consenso, apagando a diversidade.” Assim, há a tentativa de camuflar a heterogeneidade que é constitutiva da língua. O problema está em tomar estes instrumentos como a própria língua, sem atravessamentos, sem contemplar a oralidade. Por certo, a língua escrituralizada - dos dicionários, das gramáticas, dos manuais de redação, da mídia impressa - não é a língua portuguesa falada no Brasil. Pode-se excluir da língua escolari-

zada o efeito (i)mobilizador do padrão que sustenta a coincidência entre língua materna e língua nacional? Como considerar a exterioridade constitutiva da língua?

Incluindo na língua a história e a ideologia, analisando a materialidade linguística considerando a ordem simbólica, assim, atesta-se que a exterioridade é constitutiva da língua. Interior e exterior não se excluem, ao contrário, complementam-se. Há que se perceber que a materialidade linguística produz diferentes efeitos de sentido, “[...] movimentando-se entre a ordem da interioridade e da exterioridade.” (GRIGOLETTO, 2007, p. 28). O sujeito da AD é interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente. Nesse caminho, é importante ressaltar as ilusões: ao sujeito, ilusão de que controla os dizeres; e à língua, ilusão de transparência do sentido.

A noção de língua para Pêcheux (1997) sempre foi essencial para compor seu quadro epistemológico: ao deslocar a dicotomia saussureana língua/fala para língua/discurso, concebeu que fala e sujeito são constitutivos da língua, são inseparáveis porque são complementares, à medida que a língua é a materialidade do discurso. Assim, para o analista de discurso, a língua é pressuposto para analisar a materialidade do discurso. Para Leandro Ferreira (2000, p. 37), “[...] redefine-se a noção de língua, descentrando-a e remetendo-a a outra ordem: a ordem do discurso.”

Nesse norte, conceber a língua na perspectiva discursiva é ir além do sistema e da norma. Conforme aponta Grigoletto (2007, p. 31), “[...] significa considerá-la incompleta, como um corpo atravessado por falhas, fissuras, lapsos e silêncios, os quais produzem sentidos pela inscrição do sujeito e, por sua vez, da língua na história.”

Por certo, entre o amor da língua materna e o desejo da língua ideal, a Linguística constrói sua história: é este desejo de descobrir a língua-mãe que originou todas, que mobiliza pistas para apreender a inatingível língua, pois para Pêcheux (2004, p. 46), “[...] a língua materna é a fonte em que se nutre a linguística.”

## 2.2 LÍNGUA IMAGINÁRIA E LÍNGUA FLUIDA

A fim de contribuir no entendimento da acepção de língua imaginária e de língua fluida, considera-se útil abordar um princípio da AD: a distinção entre real e imaginário. Consoante Orlandi (2012, p. 73-74), “[...] real do discurso é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falha, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido.” Em sentido antagônico, no imaginário “[...] temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição.” É nessa articulação entre o real e o imaginário que o discurso e a língua funcionam.

Assim, para Orlandi (2002, p. 22), considerar o contato histórico e cultural entre as línguas coloca em jogo as noções de língua imaginária - “os processos de construção das gramáticas”, a construção da língua nacional - e de língua fluida - “o corpo pleno da linguagem”. Em 1984, a partir do contato que Eni Orlandi teve com culturas indígenas brasileiras, em que refutou a cristalização da língua e a concepção de matéria imóvel, sem

história e incapaz de influir em processos e formas das línguas com que estão em contato, considerou importante propor a distinção entre língua imaginária e língua fluida: “[...] a língua imaginária é a que os analistas fixam com suas sistematizações e a língua fluida é a que não se deixa imobilizar nas redes de sistemas e fórmulas.” (ORLANDI; DE SOUZA, 1998).

A constatação de que essas acepções todas de língua estão imbricadas, coexistem nem sempre em harmonia, dispostas, sobrepostas umas às outras é evidente: neste estudo, muito embora se desejasse apontar significações e noções estanques, como que em compartimentos, em prateleiras, percebe-se que não é possível. Exemplo cabal, nesse momento, é que não se consegue abordar língua fluida e língua imaginária sem abordar a construção da língua nacional, até porque estudos acerca da língua fluida e da língua imaginária efetuam um resgate da língua indígena, a qual aportou contribuições significativas e influenciou a língua brasileira, a língua nacional. Para Milner (2012, p. 16), “[...] as línguas formam uma classe consistente - logo, uma classe cujos elementos podem ser pensados todos juntos.” Ao se afirmar concepções de língua, supõe-se que são várias e estão reunidas, porém, de que é possível diferenciá-las entre si. Ainda segundo Milner (2012, p. 16), “é esse plural, na verdade, uma coleção de singulares ao mesmíssimo tempo iguais e discerníveis.” Dito de outro modo, a distinção por vezes é trivial, visto que identidade e diferença se embaralham, imbricam-se, sobrepõem-se.

Orlandi e De Souza (1998, p. 27-40) levantaram algumas hipóteses discursivas acerca das línguas indígenas - notadamente o tupi -, sem incorrer no risco do etnocentrismo e sem cair no preconceito linguístico de que as línguas indígenas são diversas das línguas de civilização, abstendo-se do preconceito de considerar extravagante o que não é peculiar do ambiente cultural nativo. Todavia, apontaram a possibilidade de risco oposto: projetar sobre as línguas indígenas os modelos de sistematização de uma língua ideal - imaginária, que por ter um retorno sobre o real, modela-o. “As línguas-imaginárias são as línguas-sistemas, normas, coerções, as línguas-instuições, a-históricas.” Deduz-se que, por ser construção, é a sistematização que faz com elas percam a fluidez e se fixem em línguas-imaginárias.

A questão discursiva foi abordada por Orlandi e De Souza (1998, p. 27-40) porque entendem que na manipulação - na disciplinação da língua tupi - o tupinólogo, consciente ou não, acabou aperfeiçoando a língua indígena em direção ao ideal da gramática, da sistematização. E então reflete-se acerca do “poder” na língua: “a língua imaginária não é inofensiva”, tem seu efeito sobre o real porque a história da língua coloca paradigmas e “controla o uso e a forma da língua”. Para ratificar esta asserção, os autores apresentam o exemplo verídico de um indígena em Goiás que afirmou que o pastor sabia melhor sua língua que ele mesmo. Nessa fala do índio, constata-se o apagamento do locutor, conseqüentemente, “[...] se apaga a língua e os sentidos próprios, já que falante, língua e sentidos são inseparáveis, se condicionam mutuamente.” (ORLANDI; DE SOUZA, 1998).

Também Coracini (2011, p. 143-157), a partir de um projeto de pesquisa sobre migração e identidade, apoiado pelo CNPq, efetuou uma análise de recortes discursivos

gravados em áudio, extraídos de entrevistas-relato realizadas com 30 migrantes que deixaram sua terra natal rumo ao Estado de São Paulo em busca de melhores condições de estudo ou de trabalho. A análise efetuada pela autora “em busca de âncoras” a partir da desconstrução, da problematização e “questionando o inquestionável” traduziu-se na indicação de que os participantes da pesquisa, mesmo em posição incômoda e tensa, que desestabilizou e perturbou a identidade, tornaram a língua fluida, em movimento, mesmo o migrante vivendo a tensão de se perceber na contingência de se adaptar. Esta pesquisa corroborou a acepção de Orlandi (2002, p. 22) para a língua fluida: “[...] o corpo pleno da linguagem.” Coracini (2011, p. 157) demonstrou que o real da língua se deixa denunciar na materialidade linguística e a língua funciona como “[...] superfície porosa por onde escapam, à revelia da vontade - consciente - do sujeito, sentidos interditados, sentidos a silenciar, a não dizer.”

Nesse quesito, se a língua imaginária é a que os analistas fixam na sistematização, por modelos rígidos de gramática e de escrita - que se traduz em nosso modo disciplinado de relação com a linguagem - a língua fluida é a que não pode ser contida no arcabouço dos sistemas e fórmulas. A língua fluida é a que pode ser observada e reconhecida quando se analisam os processos discursivos no contexto de sua produção. Questiona Milner (2012): “[...] não seria a língua senão uma máscara arbitrariamente construída e que não toca nenhum real?”

### 2.3 LÍNGUA ESTRANGEIRA E LÍNGUA MATERNA

Para Revuz (1998, p. 227), “[...] aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se outro.” Evidencia-se, nesse contexto de aprendizado de língua estrangeira, que essa outra língua produz questionamentos, causa incertezas: esse sujeito tem a experiência do diferente, do distinto do familiar que a língua materna propicia até porque “[...] o que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto único sobre as coisas, é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa.” (REVUZ, 1998, p. 223).

Segundo Forgiarini Aiub (2011, p. 17-18), todo o sujeito passa por um processo de reconfiguração subjetiva ao vivenciar uma língua outra. Observa-se que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira desestabiliza a logicidade propiciada pela língua materna, concedendo ao aprendiz outras possibilidades de dizer, concedendo a aceitação do diferente e a aceitação de outros olhares.

Neste processo de ensino-aprendizagem, língua materna e língua estrangeira interferem uma na outra, não havendo como separá-las na aprendizagem. Durante o processo de escrita em uma língua estrangeira, a presença da língua materna ocorre de forma mais acentuada em razão da força que a regularidade da língua materna tem na estruturação subjetiva. É a língua materna que estrutura o sujeito, portanto, não se pensa em erro no processo de escrita em língua estrangeira, mas em deslizamento entre as línguas - no viés da discursividade - um equívoco, pois o sujeito não controla a projeção de regularidades

próprias à língua materna. A língua e a cultura estrangeira levam o aprendiz a observar semelhanças e diferenças entre a língua e a cultura materna, seu patrimônio linguístico e cultural.

Petri (2007, p. 48) afirma que “[...] na formação identitária de nossas crianças e jovens é preciso ensinar, mas é preciso aprender, significar, constituir sentidos, extrapolar o que nos é dado como pronto, como completo.” Assim, se a incompletude é característica do ser humano, considere-se que esta incompletude também atravessa a língua, heterogênea, capaz de deslizos, o lugar no qual as falhas irrompem, não toma um sentido como dado, todavia, que o constrói na relação do sujeito com o histórico e o ideológico. Nesse norte, também o discurso não depende apenas do sujeito que o produz, mas também da historicidade e da exterioridade que o envolvem.

No contato com a língua estrangeira há um processo de colisão entre línguas que faz com que o sujeito se depare com outras formas de dizer e de ter, ilusoriamente, a possibilidade da escolha. “Na busca por essa outra língua, há um sujeito que deseja, não aprender novas regras estruturais da língua outra, mas sim estar inscrito em outras formas de dizer que instaurem nele uma outra ordem.” (FORGIARINI AIUB, 2011, p. 140).

### 3 CONCLUSÃO

A concepção de língua para a Análise do Discurso na vertente francesa pechetiana é de incompletude, heterogeneidade, não é de um sistema fechado nem perfeito, nem pronto, tampouco acabado. Na perspectiva discursiva, a língua é entrelaçada à exterioridade e concebida como uma materialidade que constrói, produz sentidos na relação do sujeito com o ideológico e o histórico, em um sistema em constante movimento, logo, passível de falhas, de equívocos como fatos estruturantes, de deslizos. A língua, sob a ótica discursiva, é a materialidade específica do discurso, marca da historicidade inscrita na língua. Assim, a língua é passível de rupturas, de fissuras e de brechas pelas quais sentidos outros transbordam, deslocando discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.

Sob esse prisma, evidenciou-se a relação entre as diversas acepções de língua, deslocando e deslizando da concepção sistêmica de língua fechada em si mesma. Neste estudo, muito embora se desejasse apontar significações e noções estanques, como que em compartimentos, justapostas em prateleiras, constatou-se que as acepções todas de língua estão imbricadas, coexistem nem sempre em harmonia, dispostas, sobrepostas umas às outras: na pluralidade, embaralham-se. Para exemplificar: não se consegue abordar língua fluida e língua imaginária sem abordar da construção da língua nacional, até porque estudos acerca da língua fluida e da língua imaginária efetuam um resgate da língua indígena, que aportou contribuições significativas e influenciou a língua brasileira, a língua nacional. Também não se consegue abordar o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira sem pontuar o dizer e as regularidades sistematizadas da língua ma-

terna; há um processo de colisão pois língua materna e língua estrangeira interferem uma na outra, não havendo como separá-las na aprendizagem.

Há outras concepções de língua não abordadas aqui que pedem novo estudo: a língua oficial, a língua do corpo, a língua do teclado, a língua da internet, a língua transnacional, a língua monumental, a língua da lei. Entende-se que a ciência é uma explicação provisória da realidade e que novas formulações são inerentes ao fazer científico. É pelo cruzamento de vozes que concordam ou polemizam entre si que se constroem novas verdades. Assim como as línguas, as teorias também mudam com o passar do tempo.

Aos “homens loucos por sua língua”, permitam-se navegar “no corpo pleno da linguagem”.

### *The notion of language for Discourse Analysis*

#### *Abstract*

*This study has the scope of answering the following question: what is the conception of language for the Pechet French Discourse Analysis studies? The aim is to present, by means of review of literature, another aspect to the notion of language that converts itself into theoretical basis, in the sense that it is reflecting the meaning of language in the discursive perspective. Discourse Analysis is a specific field of knowledge, although it is closely related to linguistics. It is only adhered to the scientific knowledge in this sense, it will travel among language concepts and how they relate to: imaginary language, fluid language, mother tongue, foreign language and national language. It can be seen, throughout this study, that the different conceptions of language are interrelated, are imbricated, co-exist organized - overlapping - each other.*

*Keywords: Conceptions of language. Discourse Analysis. Language teaching.*

#### REFERÊNCIAS

CORACINI, Maria José. Silêncio, interdito, real do discurso: a questão do estranhamento em migrantes no Estado de São Paulo. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

FORGIARINI AIUB, Giovani. **Entre uma língua e outra, entre o materno e o estranho: lugar de inferências, historicidades, reverberações**. 2011. 176 p. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

- GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004.
- GRIGOLETTO, Evandra. A língua além do sistema e da norma. In: CASARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos (Org.). **Ensino e aprendizagem de línguas: língua portuguesa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LEANDRO FERREIRA, M. C. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- \_\_\_\_\_. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. **Linguagem e Ensino**, Universidade Católica de Pelotas, v. 2, n. 1, jan. 1999.
- MAGALHÃES, Mario. De poliglota a troglodita. **Azul Magazine**, São Paulo, p. 60, maio. 2013.
- MILNER, Jean-Claude, **O amor da língua**. Tradução Paulo Sérgio de Souza Júnior. Campinas: Ed. Unicamp, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI E.P.; DE SOUZA, T.C.C. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, ENI Pulcinelli (Org.). **Política linguística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1998.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Análise automática do discurso**. In: GADET, Hak (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- PFEIFFER, Claudia Castellanos. O saber escolarizado como espaço de institucionalização da língua. In: **Sentido e Memória**. GUIMARÃES, Eduardo; BRUM-DE-PAULA, Miriam Rose (Org.). Campinas: Pontes Editores, 2005.

PETRI, Verli. O ensino de língua estrangeira: uma perspectiva discursiva. In: CARAZIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos (Org.). **Ensino e aprendizagem de línguas: língua portuguesa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro e o risco do exílio. Tradução Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(em) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

STÜBE NETTO, Angela Derlise. **Tramas da subjetividade no espaço *entre-línguas***: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração. 2008. 243 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.